

XXIX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

Caxambu, 25 a 29 de outubro de 2005

GT 22 - Sexualidade, Corpo e Gênero

Homossexualidades Periféricas?

Resultados de Pesquisas sobre a Vivência das Homossexualidades em Teresina, Piauí

Fabiano Gontijo

Universidade Federal do Piauí

O PROBLEMA

Na maioria das grandes cidades do planeta, submetidas aos mecanismos mais básicos do processo de “globalização cultural”, em maior ou menor grau influenciadas pelas culturas ocidentais européias e norte-americanas, percebe-se que alguns homens e mulheres que mantêm relações sexuais preferencialmente com pessoas do sexo que não lhes é oposto, ainda muitas vezes portadores de um “estigma social” resultante de um processo de etiquetagem cultural degenerativo, tentam forjar um espaço de sociabilidade e uma (ou umas) cultura(s) própria(s) baseada(s) nas suas “visões de mundo” (Geertz, 1989) ou “ontologias culturais” particulares (Herdt, 1994) e, às vezes, mais do que isso, uma posição na estrutura social que não seja mais “estigmatizada”, nem “degenerativa”, buscando até mesmo formar um movimento político organizado e reivindicativo de cidadania plena (Carvalho, 2001).

Homossexual, gay, entendido, pederasta, viado, bicha, mona, lésbica, boiola, sapatão, travesti, baitola, transexual, michê, qualira, bofe, saboeira... Longe de ser exaustiva, trata-se de uma lista de termos – aos quais corresponde uma diversidade de aparências corporais e de *imagens* de si (Fry & MacRae, 1983; Parker, 1991) – designando homens e mulheres que, no Brasil, mantêm relações sexuais preferencialmente com homens e mulheres respectivamente e que povoam as ruas, as praças, os bares, os botequins, os restaurantes, os cinemas, os teatros e salas de espetáculo, as *rave parties* e “festas alternativas” periódicas, os forrós e pagodes, os programas radiofônicos e televisados e, principalmente, as telenovelas, as revistas e jornais, a literatura, os anúncios de classificados dos grandes jornais nacionais e dos periódicos gays locais, os guias turísticos, os locais de shows e os shows ao ar livre, as praias, as academias de ginástica, lutas marciais e musculação, as lojas de gigantescos centros comerciais e os minúsculos brechós e “sebos”, as galerias de arte, os salões de beleza, as agências de design e decoração, as agências de viagem, os aeroportos e rodoviárias, os banheiros públicos, os cantos escuros das ruelas dos bairros históricos de Salvador ou do Rio ou os recantos iluminados das largas avenidas de São Paulo ou de Brasília, as saunas e os salões de massagem, as

manifestações de rua e os partidos políticos de esquerda e de centro, as associações e as organizações não-governamentais de luta contra a AIDS ou outra causa hedonista qualquer, os ambulatórios de teste de HIV e doenças sexualmente transmissíveis, as igrejas católicas renovadas ou as pentecostais, os terreiros de umbanda, as casas de candomblé e os centros espíritas kardecistas, as escolas de samba, os bailes, as bandas, trios elétricos e blocos do carnaval e de “folias” fora-de-época... E tudo isso, cada vez com maior aceitação da população como um todo - talvez, devido ao “mercado das identidades” (Gontijo, 2000, 2002).

“São os Tupinambá tão luxuriosos que não há pecado de sensualidade que não cometem. São muito afeiçoados ao pecado nefando, entre os quais se não tem por afronta.” - já dizia Gabriel Soares de Sousa, em 1587 (Sousa, 1971:31). E Pero Magalhães Gandavo, em 1576, relatava que *“Algumas índias há entre os Tupinambá que não conhecem homem algum de nenhuma qualidade, nem o consentirão, ainda que por isso as matem. Elas deixam todo o exercício de mulheres e imitam os homens e seguem seus ofícios como se não fossem fêmeas.”* (Gandavo, 1964:57). Essas mulheres eram até designadas por um termo particular - “çacoaimbeguira” -, de acordo com registro dos jesuítas no *Vocabulário da Língua Brasílica* (1621), ou seja, a mulher *“machão que não conhece homem e tem mulher e fala e peleja como homem”*. E o que dizer, então, do nome dado à zona equatorial da América do Sul, Amazônia, a “Terra das Amazonas”, pelo frei dominicano Gaspar de Carvajal, que acompanhava Francisco Orellana na descoberta do rio Marañon, em 1540-42 (Mott, 1987)?

Por outro lado, com o surgimento e o desenvolvimento da epidemia de HIV a partir do início dos anos 1980, estigmatizando primeiramente os homens que mantêm relações sexuais com outros homens e fazendo destes homens um “grupo de risco” a evitar, num momento em que havia começado uma primeira onda de movimentos de “liberação” (homo) sexual no Rio de Janeiro e em São Paulo (Green, 1994; Mott, 1995), observa-se a difusão de valores de caráter repressor em relação ao que então eram consideradas “minorias sexuais marginais”. Ouve-se, freqüentemente, falar de “desestigmatização”, de “integração dos homossexuais”, de “luta contra os preconceitos e as discriminações

sexuais”. Apesar do ambiente libertário que parece imperar nos grandes centros urbanos brasileiros como reação à primeira década de conseqüências nefastas da AIDS, há um movimento muito mais enraizado e contrário àquele das “liberdades”, um movimento de repressão que persiste – homofobia? (Mott, 2003). A AIDS, estigmatizando as populações homossexuais, reforçou a hostilidade já existente em certos setores da sociedade contra homens que mantêm relações sexuais com outros homens (Parker, 1994).

Com as grandes transformações sociais e culturais dos últimos 30 anos, as homossexualidades deixaram de ser, “oficialmente”, pecado, crime, sem-vergonhice, doença (Spencer, 1999)... Do ponto de vista jurídico, especificamente, pode-se constatar uma série de vitórias judiciais e legislativas, iniciadas, em particular, na metade da década de 1990, seguindo-se a aprovação de várias leis estaduais e municipais e, ultimamente, o programa “Brasil sem Homofobia”, da Secretaria de Direitos Humanos do Governo Federal (Conselho, 2004). Estas iniciativas, certamente importantes para a afirmação dos direitos relacionados à homossexualidade, devem ser analisadas com atenção para que delas se extraia todo o potencial de intervenção diante da discriminação por orientação sexual, como também para que novas medidas sejam aperfeiçoadas e amadurecidas, como as que dizem respeito às formas de conjugalidades e de parentalidades homossexuais. Predominam, nessas medidas, regulações que protegem a sexualidade com base em critérios particularistas e identitários. Porém, talvez modelos mais universalistas, direcionados à proteção dos direitos como um todo – e direitos sexuais em particular –, não teriam a vantagem de conjugar o combate à discriminação com a afirmação de esferas de liberdade mais ampla para todos os cidadãos. Não só as diversas manifestações da homossexualidade, como a vivência da heterossexualidade dissonante dos padrões majoritários e diversas práticas sexuais não-identitárias são também objeto de discriminação (Rios, 2001; Leivas, 2002).

Ainda durante o ano de 2005, a Secretaria de Direitos Humanos do Governo Federal, através, no Piauí, da Coordenação Estadual da Livre Orientação Sexual, estará começando uma série de discussões para preparar a sociedade civil para a votação, no Congresso Federal, das medidas que regularizam as formas de conjugalidades

homossexuais. Percebe-se, no Brasil, que a duração dos casamentos entre pessoas de sexo oposto vem diminuindo, de acordo com pesquisas do IBGE (Lopes de Camargo, 2004; Grisoletto, 2004), ao passo que, em nossas pesquisas realizadas em Teresina, vemos que há um forte interesse de homossexuais identitários por relacionamentos duradouros (Gontijo, Oliveira, & Silva 2004). A regularização das uniões entre pessoas do mesmo sexo já é feita, de forma esporádica, a partir de algumas sentenças judiciais, abrindo ainda mais espaço para a necessidade de entendimento, do ponto de vista da pesquisa social, dos arranjos e afetividades entre homossexuais (Golin, Pocahy & Rios, 2003).

Em Teresina, pode-se perceber, servindo-se da “cena gay” como mediadora, a grande contradição entre dois modelos de relações sociais. A sociedade brasileira vem se modificando, tornando-se cada vez mais complexa, heterogênea, diferenciada e apresentando novas clivagens que não só não se esgotam na estrutura de classes (Augé, 1997), como também desfazem as identidades tradicionais, criando outras tantas, efêmeras, e gerando uma pluralidade de interesses e de demandas, nem sempre convergentes, quando não conflitantes e excludentes.

Teresina – sertaneja, suposta terra do “cabra-macho” - será tomada aqui como referência de base na tentativa de compreender essas transformações e seus efeitos no sistema de classificação sexual brasileiro. Trata-se, assim, de entender a maneira como as diferenças sexuais culturalmente construídas são transformadas em hierarquias e, logo, em desigualdades sociais, na tentativa de gerar subsídios teóricos e metodológicos para combater essas desigualdades e promover o respeito à diferença e a conseqüente construção da cidadania plena desses grupos sociais.

OS MÉTODOS E AS TÉCNICAS

Apresentaremos, a seguir, resultados, ainda parciais e em estado bruto, de três pesquisas realizadas no âmbito do Programa de Iniciação Científica (CNPq/UFPI). A primeira pesquisa, intitulada “Identidades Culturais e Culturas Identitárias Homossexuais Teresinenses”, iniciada em 2003, teve a colaboração das alunas bolsistas do curso de

Serviço Social, Gisélia Maria da Silva e Josenília da Silva Oliveira; a segunda pesquisa, intitulada “Culturas Identitárias Homossexuais Piauienses: Trajetórias e Memórias de Mulheres que Amam Mulheres”, iniciada em 2004, teve a colaboração do aluno bolsista do curso de Ciências Sociais, Fábio Oliveira Matos; enfim, a terceira pesquisa, recém-iniciada, intitula-se “Homoafetividades, Homoconjugalidades e Cidadania: Os Relacionamentos Afetivos e os Arranjos Conjugais de Homossexuais Teresinenses na Era dos Direitos Humanos”, e conta com a colaboração do aluno bolsista, Fábio Oliveira Matos, e da ex-aluna do Mestrado em Políticas Públicas, Geysa Sá, que defendeu recentemente a dissertação tratando da constituição do “mercado rosa” em Teresina.

Tentamos, na primeira pesquisa, elaborar: (1) uma sociografia do preconceito, da discriminação e da homofobia - as representações sociais a respeito da sexualidade e, em particular, das homossexualidades, nos mais diversos grupos sociais (homossexuais e não homossexuais); (2) uma cartografia das homossexualidades teresinenses - mapeamento geográfico e histórico dos locais de sociabilidade (bares, boates, festas alternativas), pontos de encontro (praças, ruas), lojas e comércios, instituições e associações não-governamentais (por exemplo, Grupo Matizes), órgãos governamentais (Coordenadoria Estadual da Livre Orientação Sexual) e outros, freqüentados por (ou voltados para) homossexuais, “identitários” ou não; e, enfim, (3) uma etnografia e etnologia das culturas homossexuais piauienses - a formulação sócio-cultural da diversidade identitária homossexual local e as particularidades das homossexualidades teresinenses.

Na segunda pesquisa, continuamos a tentativa de caracterização das culturas homossexuais piauienses, a partir das informações coletadas na pesquisa iniciada em 2003, mas, buscando, desta vez, formular as “imagens identitárias” específicas de mulheres que “amam” mulheres. Percebemos que a construção das identidades lésbicas – lesbianidades – apresenta particularidades que vêm sendo pouco estudadas. Depois do pioneiro livro de L. Mott de 1987, publicado por uma pequena editora gaúcha - *O Lesbianismo no Brasil* -, algumas dissertações de mestrado e pouquíssimas teses de doutorado tiveram por objeto de estudo o “lesbianismo”, quase sempre relacionadas ao contexto do Sul e do Sudeste brasileiros.

Em Teresina, o primeiro estudo relativamente rigoroso sobre homossexualidades, como um todo, foi um trabalho de conclusão de curso apresentado em 1995 na Universidade Federal do Piauí para a obtenção do título de bacharel em Serviço Social pelas alunas Adriana Araújo Silva e Diana Márcia Lima Verde Moura, intitulado *Teresina, Mostra Tua Cara! Configuração da Realidade Homossexual Teresinense*. Nada foi escrito, no entanto, sobre as particularidades identitárias lésbicas. Não que as lésbicas não existam na cidade. Ao contrário: muitos são os locais de encontro reconhecidamente lésbicos e aqueles menos identitários freqüentados por uma clientela lésbica. Tentamos, assim, delimitar o universo simbólico, socialmente construído e culturalmente formulado, que serve de referência para a construção de identidades especificamente lésbicas no contexto particular do Piauí atual.

A terceira pesquisa, recém-iniciada, tenta entender mais especificamente as relações afetivas (homoafetividades) e conjugais (homoconjugalidades) entre pessoas do mesmo sexo no contexto particular da cidade de Teresina. Buscamos, por um lado, as representações sociais emitidas por homossexuais identitários (aqueles que freqüentam a “cena gay” e que criam os “símbolos” de uma “cultura gay”) acerca dos relacionamentos amorosos e afetivos entre homossexuais em Teresina, a partir de uma investigação quantitativa; e, por outro lado, os perfis, biografias, trajetórias, histórias de vida de casais de homens e de mulheres que “amam” e se relacionam de forma duradoura (mais de um ano) com pessoas do mesmo sexo, para delinear os processos sociais de construção social e cultural das afetividades e das conjugalidades entre pessoas do mesmo sexo, a partir de uma investigação qualitativa.

O PRECONCEITO

Os meios de comunicação têm divulgado, com grande freqüência, inúmeros relatos de práticas de violência contra homossexuais – atos de agressão perpetrados contra pessoas declaradamente homossexuais e, logo, perpetrados em razão da homossexualidade evidente dos sujeitos vitimados. Por outro lado, os mesmos meios de comunicação têm apresentado

de forma positiva cada vez mais ações de homossexuais “assumidos”, muitos personagens de novelas e seriados se declaram homossexuais, diversos profissionais das artes e da informação “saem do armário” e se tornam mais “visíveis” como homossexuais. Que relação haveria entre o suposto incremento das práticas discriminatórias sob a forma de violência contra homossexuais e o real aumento da visibilidade e da aceitação das homossexualidades? O aumento da visibilidade implica em incremento das práticas discriminatórias? Ou, ao contrário, o incremento das práticas discriminatórias é que implicam em maior visibilização? Estariam as duas alternativas corretas? Ou, enfim, não há relação direta entre as variáveis e a questão não deveria ser colocada desta maneira?

Preconceito é ideologia, um conjunto de idéias “preconcebidas” acerca de algo, baseado em juízos de valor e convenções morais pouco fundadas, logo, naturalizado – o mito? Discriminação, por sua vez, é prática, um conjunto de atos de distinção, diferenciação e separação baseado no preconceito – o rito? Homofobia seria, então, a institucionalização do rito e do mito como verdades não contestadas.

Entrevistamos, por questionário, 160 homossexuais “identitários” (homens, mulheres e travestis) – aqueles que freqüentam os locais de sociabilidade homossexual e que, de certa forma, usam símbolos de reconhecimento do “universo gay” – para delinear as representações acerca do “ser homossexual” em Teresina. Entrevistamos também, por outro lado, 389 pessoas não identificadas como homossexuais, escolhidas mais ou menos aleatoriamente em praças, ruas e centros comerciais de Teresina – respeitando certos critérios de representatividade –, para mapear o preconceito e a discriminação contra homossexuais. Dos homossexuais entrevistados, 61% declaram já terem sido alguma vez vítimas de discriminação *por serem homossexuais* – 53,6% das mulheres homossexuais entrevistadas, 58,3% dos homens homossexuais e 75% das travestis; a experiência da discriminação é mais presente dentre os homossexuais que têm entre 26 e 30 anos (67,6% da faixa etária, contra 52,9% dos que têm entre 15 e 20 anos e 55,5% dos que têm mais de 40 anos); enfim, quanto maior a renda, menor a experiência da discriminação (66,7% dos homossexuais que declaram renda média mensal domiciliar de até um salário mínimo

dizem já terem sido discriminados, contra 38,9% dos que declaram renda de mais de 20 salários mínimos).

Mas, como medir o preconceito de heterossexuais? Talvez através da maneira como estruturam suas representações sociais acerca das homossexualidades. Quando os heterossexuais são perguntados se conhecem algum homossexual, 92,5% dos entrevistados responderam positivamente. Afinando, perguntamos se têm algum amigo/amiga mais íntimo ou parente homossexual: 63,6% disseram que sim. Ou seja, quase todas as pessoas conhecem um homossexual e uma grande parte dessas pessoas tem um homossexual como amigo ou parente. Devido ao incremento da visibilidade homossexual e à valorização do discurso de respeito à diversidade, poderíamos dizer que é “politicamente correto” conhecer um homossexual para ser bem aceito pelos pares – e conquistar a credibilidade do entrevistador. Então, se todos conhecem um homossexual e muitos têm um parente ou amigo homossexual, o preconceito e a discriminação não existiriam?

Pois bem, perguntamos se os entrevistados heterossexuais aceitariam que homossexuais se beijassem nas ruas ou praças públicas e obtivemos as seguintes respostas: 55,9% são contrários à expressão pública da homossexualidade, 30,9% são favoráveis e 13,2% não responderam à pergunta; a intolerância aumenta com a renda e com a idade, mas diminui sutilmente com a escolaridade. Trata-se de uma pergunta muito pessoal, que diz respeito a valores morais enraizados. Mesmo que muitos conheçam homossexuais e tenham amigos e parentes homossexuais, não se aceitam tão facilmente as práticas públicas desses amigos e parentes. Perguntamos aos homossexuais entrevistados, por outro lado, se já haviam se beijado em público: 53,6% disseram que sim.

Os termos usados para designar os homossexuais também são significativos para o entendimento da estruturação do preconceito. Assim, quando os heterossexuais são perguntados sobre os termos conhecidos para designar o homossexual, obtivemos 104 termos diferentes, quais sejam:

BOIOLA / VIADO / BAITOLA / PORRA LOUCA / GAY / GOIABA GOIABINHA / FRUTA FRUTINHA / BOGARAM BOGA / AGASALHADA / BICHA / NOJENTO /

COISA RUIM / AMALDICOADO / MONA / FRANGO / BIBA / MACHO FEMEA / SAPATAO SAPATO SAPA / FANCHONA / CHOLES / PEROBA / MACHONA / 44 / MENINA LOUCA / TANDERSON / A OUTRA / GABALA / MENINA / MULHER / MOCREIA / LACRAIA / TRAVECO / LESBICA / FRESCO / VIRA FOLHA / PERA / 24 / ESTELA / RAPAZ ALEGRE / BAMBI / FAG / FLOR FLORZINHA FLORZÔ / HOMOAFETIVO / TRAVESTI / MARICA MARIQUINHA / QUALIRA / QUEEN / BOFE / BORBOLETA / VAGALUME / MARICOTA / MARIA HOMEM / PEDERASTA / PACA / BISSEXUAL / MARIGAO / SÁFICA / COMEDOR DE MIRINDIBA / VIRA CASACA / BROA / BONECA / MÃO MOLE / BROCHA / PAU NO CU / MÃO NA ROLA / ENTENDIDO ENTENDIDA / TATA / CHESCA / SABÃO SABONETE FAZER SABÃO / PADEIRO / CREUZA / MULHER DO PARAGUAI / TCHOLIFLEX / MANERO / GLS / QUEIMA RUELA / HOMEM QUE DÁ O CU / JÓQUEI DE MINHOCA / GILETE / GIBA / MOCA / DOCURA / AMARELINHO / MÁGICO / SAMANTA / DRAG / TERCEIRO SEXO / TRANSVIADO / AMULHERADO / GRUDAR VELCRO / BATER BIFE / GROBILA / BALDE / DESMUNHECADO / QUEDE / CASTANHOLA / BIGU / DOIS SEXOS / HOLYS BABY / QUEIMA ROSCA / QUEER / MISTURADA DESVIADA / PANTERA

Os homossexuais entrevistados também foram levados a enunciar os termos conhecidos para designar os homossexuais. Foram obtidos 78 termos diferentes, bastante parecidos com os termos enunciados pelos heterossexuais:

BABADO / DO BABADO / BAITOLA / GOIABÃO GOIABA / QUEIMA ROSCA / FRUTINHA / VIADO VIADINHO / BATE BIFE / COLA FELTRO / BICHA BICHINHA / SAPATO SAPATONA SAPATÃO SAPA / BIBA / ENTENDIDA ENTENDIDO / FLOZÔ / BIBÓTICA / GAY GAYZINHO / MONA / MARICONA MARICAS MARICA / OPERADA / PASSIVA ATÉ A MORTE PAM / BOIOLA / MOÇA / MENINA / CHOLES TROLES / CLUBE DA LULUZINHA / DORME NA CAIXA / COISA HORROROSA / COISA SEM FUNDAMENTO / QUALIRA / HOMOAFETIVO / LÉSBICA / HOMOERÓTICO / TRICHA / BOFE / GUARIBA / ATOXA / HOMO / FLAUTA / BARBIE / FRESCO / DA LINHA / DO BEM / BISSEXUAL / TURMA DO ONZE / COTCHO / PANELEIRO / MASTIGADOR DE FRONHA / SUQUINHO / PEDERASTA / MACHONA / CAMINHONEIRA / VACA /BORBOLETA / TRANSVIADO / TRANSGÊNERO / DRAG QUEEN / HOMEM COM HOMEM / MULHER COM MULHER / GOSTAR DO MESMO / GOSTAR DE SI MESMA /MACHO FÊMEA / BOLACHINHA BOLACA / TRAVECO TRAVECA / PEREIRONA / PESSOA ALEGRE / PESSOA DE VIDA LIVRE / QUATI / BONITA / QUA QUA / SAPATILHA / SANDÁLIA SANDALINHA / VIADA / SABOEIRA / SIMPATIZANTE / BANGUIM / PERA / CARNEIRO / 44 / COPINHO

Muitos termos usados pelos heterossexuais dizem respeito particularmente a frutas, animais, coisas e a alguns atos. Parece que há, por parte dos entrevistados, uma tentativa de naturalizar a homossexualidade e, por conseguinte, culturalizar a heterossexualidade. Ao

passo que os termos usados pelos homossexuais parecem tentar culturalizar a homossexualidade, principalmente através do discurso médico: quando perguntados sobre o termo que usam para se auto-definir no “universo gay”, 31,7% dos entrevistados homossexuais disseram “homossexual”, 11,2% disseram “lésbica”, 7,7% disseram “bissexual”. Ou seja, os termos biomédicos “homossexual” e “bissexual” estão dentre os mais citados, o que comprova a tentativa de tornar a homossexualidade “cultura” por oposição ao discurso “naturalizador” dos heterossexuais – ainda que a “culturalização” se dê por via do discurso biomédico, o mesmo discurso das instituições oficiais, das leis e dos poderes públicos.

A sutileza do preconceito contra homossexuais transparece melhor através de dois conjuntos de perguntas feitas.

- Primeiro conjunto: Você se importaria que seu filho/filha fosse homossexual? Você se importaria que seu filho/filha tivesse um professor homossexual? Você se importaria que seu médico fosse homossexual? Você se importaria que o padeiro ou o comerciante onde você faz suas compras fosse homossexual? Você se importaria que seu cantor/cantora preferido/a fosse homossexual?
- Segundo conjunto: Você acha que homossexualidade é pecado? Você acha que homossexualidade é doença? Você acha que homossexualidade é crime? Você acha que homossexualidade é sem-vergonhice?

O primeiro conjunto de perguntas parece tratar da vivência cotidiana da percepção das homossexualidades e toca na prática do dia-a-dia dos entrevistados. Percebemos, grosso modo, que quanto mais distante da esfera de intimidade é a pessoa homossexual, maior a tolerância. A primeira pergunta, sobre a aceitação da homossexualidade do filho ou da filha, reporta-se diretamente à intimidade do entrevistado: 53,4% se importariam que o filho/filha fosse homossexual, 21,8% não se importariam, 16,3% disseram que “depende” e 8,5% não responderam à pergunta – as mulheres tendem a ser menos tolerantes (talvez por

serem as mães que geram e, por conseguinte, seriam acusadas pelos maridos de serem culpadas pela homossexualidade dos filhos), as pessoas de maior renda, as mais jovens (alto índice de indecisão quanto à pergunta), as mais escolarizadas e as evangélicas também tendem à intolerância. Quanto ao professor do filho/a, o médico, o padeiro/comerciante, o cantor/a, percebe-se sempre uma tolerância mais acentuada por parte das mulheres, das pessoas de renda menor, dos mais jovens, dos menos escolarizados, dos católicos e ateus – 74,3% não se importariam com a homossexualidade do professor do filho/a, 69,3% com a do médico, 86% com a do padeiro/comerciante, 87,1% com a do cantor/a).

Quanto ao segundo conjunto de perguntas, trata-se de opiniões gerais, e não pessoais ou íntimas. O entrevistado é levado a responder de acordo com competências que lhe teriam sido fornecidas pelas instituições sociais mais amplas das quais faz parte. Logo, as respostas são interpretadas pelo entrevistado como devendo se acordar com o que acha que o entrevistador quer ouvir dele para ser julgado como um “cidadão correto” – a “resposta certa”. Assim, 59,3% dos entrevistados não vêem a homossexualidade como pecado, 60,9% não a consideram como doença, 91,7% não a citam como crime, 62,6% não acham que seja sem-vergonhice. Aqui, as mulheres parecem ser mais tolerantes que os homens, os de maior renda mais que os de menor renda, os mais jovens mais que os mais velhos, os de maior escolaridade mais que os menos escolarizados, os católicos mais que os evangélicos.

O primeiro conjunto de perguntas trata do capital social (ou da “casa”, para usar a célebre conceituação de Roberto Da Matta), ao passo que o segundo conjunto de perguntas trata do capital cultural (ou da “rua”); o primeiro conjunto requer opinião pessoal, enquanto o segundo conjunto exige conhecimentos que classificam e transformam-se em reconhecimento para o entrevistado. Então, tomando as variáveis renda e escolaridade, percebemos que os entrevistados de maior renda e, provavelmente por conseguinte, os mais escolarizados, tendem a ser mais intolerantes (vejam-se as respostas às perguntas do primeiro conjunto), apesar de emitirem – “para inglês ver” – discursos de maior tolerância (vejam-se as respostas às perguntas do segundo conjunto). 63,9% dos nossos entrevistados disseram que votariam num candidato a prefeito ou vereador que fosse declaradamente homossexual, contra 28,8% que não votariam: novamente, aqui, são mais tolerantes as

mulheres, os de maior renda, os mais jovens, os mais escolarizados, os ateus e católicos. Daí a complexidade do preconceito contra homossexuais, em particular no contexto teresinense...

A SUBCULTURA?

O que é ser “gay” em Teresina? Tentamos caracterizar essa vivência da homossexualidade identitária em Teresina através de nosso questionário. Teresina possui alguns bares abertamente voltados para o público homossexual, assim como uma boate e um conjunto de restaurantes e outros locais freqüentados por homossexuais, porém não abertamente identificados como “gays”. Esses espaços de sociabilidade, juntamente com duas entidades de direitos homossexuais – a organização não-governamental Matizes e a Coordenação Estadual de Livre Orientação Sexual – formam o quadro básico de construção da identidade homossexual na cidade.

O perfil de nossos entrevistados homossexuais é o seguinte:

- Renda: 28,1% declararam renda média mensal domiciliar de nenhuma até 3 salários mínimos (SM), 23,5% de 3 a 5 SM, 33,3% de 5 a 15 SM, 15,1% mais de 15 SM (há, em relação à distribuição de renda em Teresina, uma super-representação das categorias de maior rendimento dentre os homossexuais e uma subrepresentação das categorias de menor rendimento);
- Escolaridade: 2,6% só estudaram da 1^a à 4^a série do ensino fundamental (completos ou incompletos), 12,5% da 5^a à 8^a série (completos ou incompletos), 52,6% têm o ensino médio (completo ou incompleto) e 32,3% têm o ensino superior (completo ou incompleto) – aqui também, observamos uma super-representação de homossexuais com ensino superior em relação à população de Teresina como um todo;
- Idade: 35,8% têm entre 15 e 24 anos, 43,9% entre 25 e 34 anos, 17,6% entre 35 e 49 anos e, enfim, 2,7% mais de 50 anos;
- Moradia: 68,8% moram com familiares/parentes, 16,9% sozinho, 11% com namorado/a e 3,3% com amigos – em Teresina, é comum que os filhos vivam

com seus familiares até uma idade bastante avançada; no universo homossexual identitário, apesar do preconceito ressentido no âmbito da família, a prática da coabitação com familiares é respeitada.

Perguntamos aos entrevistados se já se disseram homossexuais para os pais, irmãos, parentes em geral, amigos e colegas de trabalho: 54,4% “se assumiram” para os seus pais, 53,7% para os irmãos, 53,7% para os demais parentes, 83,7% para os amigos, 26,2% para os colegas de trabalho e, curiosamente, 5,9% para ninguém. Os travestis parecem “se assumir” mais que os homens e mulheres homossexuais. Apesar da pequena diferença, as mulheres homossexuais parecem se declarar mais para familiares e parentes, ao passo que os homens homossexuais se declaram mais para os amigos, colegas ou não se assumem. Os mais velhos (mais de 35 anos) e os mais jovens (15 a 24 anos) também são os mais assumidos – gerações diferentes, os primeiros talvez se assumam mais por terem atingido uma certa estabilidade (financeira e moral) e não “deverem satisfação” a ninguém, enquanto os mais novos talvez se assumam mais por causa das facilidades conseqüentes do incremento da visibilização e da aceitação homossexuais nos últimos anos. Enfim, quanto maior a renda, mais “assumido” se é.

Os homossexuais identitários, apesar de freqüentarem preferencialmente espaços de sociabilidade “gays”, interagem livremente com não homossexuais e têm amigos considerados como “verdadeiros” que não são forçosamente homossexuais: apenas 2% dos entrevistados disseram ter somente amigos homossexuais e 1,3% disseram ter somente amigos heterossexuais; 36,6% disseram ter mais amigos heterossexuais do que amigos homossexuais e outros 28,7% disseram ter mais amigos homossexuais do que amigos heterossexuais.

Quanto às relações afetivas e conjugais, quando perguntados se têm namorado/namorada, 54,7% dizem que sim. Mas, quantos já tiveram uma relação mais duradoura, que tenha durado pelo menos um ano? 76,4% dos nossos entrevistados já tiveram uma relação afetiva de mais de um ano. Dentre estes, a relação mais duradoura levou de 1 a 2 anos para 8,8%, de 2 a 3 anos para 27,5%, de 3 a 4 anos para 12,1%, de 4 a 5

anos para 7,7%, de 5 a 8 anos para 34,1% e mais de 8 anos para 9,8%. Ou seja, quando a relação mais duradoura passa de um ano, geralmente ela dura de 5 a 8 anos ou de 2 a 3 anos. Afinando a resposta, percebemos que geralmente são os relacionamentos entre mulheres homossexuais que duram de 5 a 8 anos, enquanto os relacionamentos entre homens homossexuais são os que mais duram de 2 a 3 anos, o que comprova as famosas piadas sobre a estabilidade dos casais lésbicos em comparação ao efêmero das relações entre homens homossexuais. Resumindo, 63,7% dos entrevistados já tiveram relacionamentos que duraram mais de 3 anos. As estatísticas do registro civil produzidas pelo IBGE mostram (www.ibge.gov.br), no entanto, que a duração dos casamentos oficiais entre heterossexuais tem diminuído bastante nos últimos anos; 2 anos está sendo a duração modal dos casamentos dos heterossexuais mais jovens.

AS PERSPECTIVAS – POLÍTICAS PÚBLICAS

Numa sociedade que se vê como formada de diferenças que se complementam (mais do que se excluem), seria necessário pensar em políticas públicas que minimizem a tendência em transformar as diferenças em desigualdades. Políticas públicas são respostas a necessidades (novas ou antigas) da sociedade civil (mais ou menos organizada) endereçadas, sob a forma de demanda, ao Estado. Para o combate ao preconceito e à discriminação contra homossexuais, é preciso decodificar a estrutura genética dos valores que subsidiam a ideologia (o mito) e que se materializam em práticas naturalizadas e naturalizadoras (o rito).

Em Teresina, algo tem sido feito nos últimos três anos – em particular, a partir de 2002 – para se pensar a cidadania homossexual: a criação do Grupo Matizes, inicialmente dirigido por pessoas oriundas dos movimentos sociais (feministas e sindicalistas, principalmente) e de pouquíssimos comerciantes “gays”, assim como a implantação da Coordenação Estadual da Livre Orientação Sexual (CELOS) na Secretaria Estadual de Assistência Social e Cidadania (SASC), começaram a tornar públicas reivindicações de direitos para homossexuais – ainda que, muitas vezes, essas reivindicações se pautem em modelos originários de outras regiões do Brasil, distantes da realidade da vivência das

homossexualidades em Teresina. Essas reivindicações vêm sendo atendidas, não sem conflitos políticos: foi inserido um adendo à lei Orgânica do Município de Teresina que prevê punição para a discriminação por orientação sexual em espaço público, o mesmo também tendo sido feito a nível estadual; a partir do adendo à Lei Orgânica, foi criado o Disque Cidadania Homossexual pela Secretaria Municipal do Trabalho, da Cidadania e da Assistência Social (SEMTCAS) e a partir da lei estadual, foi criada a Delegacia Especial das Minorias... Em 2003, foi realizada a I Semana da Diversidade Sexual, com a presença, na mesa de abertura do evento, do governador do estado, Wellington Dias, e de quase todos os secretários, todos se comprometendo publicamente com a constituição da tal “cidadania homossexual”. A Parada da Diversidade já está, em 2005, em sua quarta edição.

Mas, ainda assim, vemos que somente 54,2% e 38,1% dos entrevistados homossexuais conhecem, respectivamente, o Grupo Matizes e a Coordenação Estadual da Livre Orientação Sexual (CELOS), ao passo que 97,4% conhecem o maior bar “gay” da cidade, Pride, 94,8% conhecem a boate “gay”, Sukata, e 91,6% conhecem um bar mais voltado para o público lésbico, Oficina. Quanto aos entrevistados heterossexuais, somente 14,3% e 6,2% conhecem, respectivamente, o Grupo Matizes e a CELOS, enquanto 43,4%, 53,3% e 28,3% conhecem, respectivamente, o Pride, a Sukata e a Oficina – 28,0% não conhecem nenhum dos lugares citados. Quem é, então, essa sociedade civil que reivindica direitos e políticas públicas? Em nome de quem?

A tentativa de caracterizar as particularidades das culturas homossexuais teresinenses não se esgota nesse pequeno texto, nos dados ainda brutos aqui apresentados, nas interpretações rápidas e parciais avançadas. Mas, à guisa de conclusão, podemos dizer que, na sertaneja capital piauiense, o “cabra-macho” parece estar virando mito. Ou se desdobrando em múltiplas imagens identitárias, inclusive “gays” identitárias. Seriam os dados aqui reunidos indicadores dos efeitos da tal “globalização” na constituição da identidade do “cabra-macho”?

BIBLIOGRAFIA

- AUGÉ, M. *Por Uma Antropologia dos Mundos Contemporâneos*. Rio: Bertrand-Brasil, 1997
- CARVALHO, J. M. *Cidadania no Brasil*. Rio: Civilização Brasileira, 2001
- CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT e Promoção da Cidadania Homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004
- FRY, P. & E. MacRAE. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983
- GANDAVO, P.M. *História da Província Santa Cruz e Tratado da Terra do Brasil*. São Paulo: Obelisco, 1964
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1989
- GOLIN, C., POCAHY, F. A., RIOS, R. R. (orgs.) *A Justiça e os Direitos de Gays e Lésbicas: Jurisprudência Comentada*. Porto Alegre: Sulina, 2003
- GONTIJO, F. *Genres, Carnaval e SIDA*. Paris: EHESS, Tese de Doutorado, mimeo, 2000

_____. “Carioquice ou Carioquidade? Ensaio etnográfico das imagens identitárias homossexuais”. In: Goldenberg, M. (org.). *Nu & Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio: Record, 2002

GONTIJO, F., OLIVEIRA, J.S., SILVA, G.M. “Relatório Final de Pesquisa / PIBIC – Identidades Culturais e Culturas Identitárias Homossexuais Teresinenses”. Teresina: Mimeo, 2004

GREEN, J. N. “The Emergence of the Brazilian Gay Liberation Movement, 1977-1981”. *Latin American Perspectives*, 80: 21 (1): 38-55, 1994

GRISOLETO, J. M. “Uniãos Homossexuais e Entidade Familiar: Contribuições do Direito Comparado e dos Tribunais do Sul do País”. In: Lopes, D. & W. Garcia (orgs.). *Imagem e Diversidade Sexual: Estudos da Homocultura*. São Paulo: Nojosa, 2004, p.359-364

HERDT, G. H. “Introduction: third sexes and third genders”. In: Herdt, G. H. (org.). *Third Sex, Third Gender: beyond sexual dimorphism in culture and history*. Nova York: Zone Books, 1994

LEIVAS, P. Os Direitos dos Homossexuais a Tratamento Isonômico perante a Previdência Social. In: Golin, C. & L.G. Weller (orgs.). *Homossexualidades, Cultura e Política*. Porto Alegre: Sulina, 2002, p.49-70

MOTT, L. *O Lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987

_____. “The Gay Movement and the Human Rights in Brazil”. In: Murray, S. O. (org.). *Latin American Male Homosexualities*. Albuquerque: New Mexico University Press, 1995

_____. *Homofobia: A Violação dos Direitos Humanos de Gays, Lésbicas e Travestis no Brasil*. San Francisco: International Gay and Lesbian Human Rights Commission (IGLHRC), 1997

_____. *Crônicas de um Gay Assumido*. Rio: Record, 2003

PARKER, R. G. *Corpos, Prazeres e Paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991 (2^a ed.)

_____ “Sexo entre Homens: consciência da Aids e comportamento sexual entre homens homossexuais e bissexuais no Brasil”. In Parker, R. G. (org.). *A Aids no Brasil*. Rio: Relume-Dumará, 1994

RIOS, R. R. *A Homossexualidade no Direito*. Porto Alegre: Livraria do Advogado/ Escola Superior da Magistratura Federal-RS, 2001

SOUSA, G. S. *Tratado Descritivo do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1971

SPENCER, C. *Homossexualidade: uma história*. Rio: Record, 1999